

MEMÓRIA DA TELEVISÃO NO BRASIL: UM BREVE PASSEIO PELA HISTÓRIA

Karen Cristina Kraemer Abreu¹
Yasmin Cassal²
Julia Nadine Tews³
Fábio Andrei Kuckert Rodrigues⁴

Resumo

Este artigo pretende, através da pesquisa bibliográfica, resgatar a história da Televisão no Brasil. Este eletrodoméstico está presente em 96% dos lares brasileiros. Desde o seu surgimento, em 1950, a TV ocupa um lugar de destaque dentro dos lares, seja como forma de entretenimento, lazer ou informação. Hoje, é considerada o principal e um dos mais confiáveis meios de comunicação pela população nacional.

Palavras-chave: Memória da Televisão no Brasil; mídia TV; televisão brasileira.

Abstract

This article intends, through bibliographical research, to rescue the history of Television in Brazil. This appliance is present in 96% of Brazilian homes. Since its appearance in 1950, TV has held a prominent place in homes, whether as a form of entertainment, leisure or information. Today, it is considered the main and one of the most reliable means of communication by the national population.

Keywords: Television Memory in Brazil; TV media; Brazilian television.

1. Introdução

Esta é uma investigação bibliográfica que, a partir de leituras esparsas, busca registrar a memória do meio de comunicação de massa televisão no Brasil. Para tanto,

¹ Doutora e Mestre em Ciências da Linguagem (UNISUL), Pós-doutoranda no PPG PróSaúde (ULBRA), Graduada em Publicidade e Propaganda e em Jornalismo (UNISINOS). Professora adjunta no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM-FW). Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo – ConJor (UFOP). Pesquisadora associada à pesquisa Com-Covid desenvolvida através da parceria EUPRERA-Brasil (2020-2021). E-mail: karen.kraemer@ufsm.br

² Aluna do curso de graduação em Jornalismo da ULBRA. Participante da pesquisa Com-Covid desenvolvida através da parceria EUPRERA-Brasil (2020-2021). E-mail: yasmin.cassal@gmail.com

³ Aluna do curso de graduação em Jornalismo da ULBRA. Participante da pesquisa Com-Covid desenvolvida através da parceria EUPRERA-Brasil (2020-2021). E-mail: julia.tews@rede.ulbra.br

⁴ Jornalista formado pela ULBRA. Participante da pesquisa Com-Covid desenvolvida através da parceria EUPRERA-Brasil (2020-2021). E-mail: fabio.andrei@rede.ulbra.br

foram selecionados alguns fatos relevantes na trajetória da televisão brasileira desde 1950 até os dias atuais.

Construir um texto apresentando a memória da televisão no ano de seus 70⁵ anos de existência no Brasil tem por objetivo registrar esta trajetória ímpar. Evidentemente, não é possível trazer o cotidiano de todas as emissoras de televisão no Brasil nesta pesquisa. O foco é mostrar o desenvolvimento tecnológico que o meio apresenta ao longo de seus 70 anos, reunir uma breve memória da mídia televisão através da identificação dos principais fatos e acontecimentos ocorridos nas sete décadas da presença da televisão no país em um estudo sucinto e leve direcionado para acadêmicos de graduação na área da Comunicação Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, do Audiovisual e da Publicidade e Propaganda. A partir deste conhecimento é possível registrar a história do meio televisão no Brasil e refletir sobre sua presença na sociedade brasileira.

A primeira fase pesquisada para a elaboração deste estudo é a década de 1950, quando, em 18 de setembro, é realizada a transmissão da bênção aos estúdios da pioneira TV Tupi, de Assis Chateaubriand. Essa perspectiva da memória da TV no primeiro estágio colabora com a percepção das iniciativas, oportunidades e dificuldades do setor. É naquele momento que surgem muitas emissoras de TV em diversos locais do Brasil.

Na década de 1960, as informações sobre o setor da Radiodifusão no Brasil apontam um crescimento. Tanto emissoras de Rádio quanto de Televisão obtiveram ganhos publicitários; as emissoras de TV, inclusive, já estavam independentes economicamente dos financiamentos das emissoras de Rádios pertencentes aos mesmos grupos de comunicação. É na década de 1960 que se consolida a independência financeira das emissoras de televisão.

Com isso, os investimentos em tecnologias que melhoram as transmissões, as condições de captura de imagens, a chegada do *videotape* e as possibilidades de sair dos estúdios e ganhar o mundo, elemento que modifica as práticas, as rotinas e os programas. A continuidade dos programas de auditório existentes nas emissoras de Rádio, bem como a presença de orquestras foram bastante utilizados pelas emissoras

⁵ Em 18 de setembro de 2021 a chegada da televisão no Brasil completa 71 anos (N. dos As.).

de TV. O teleteatro, os *shows* musicais e programas de entrevistas e os noticiários e programas infantis permanecem na grade de programação.

Na década de 1970, a adoção do sistema Pal-M no Brasil traz a possibilidade de as emissoras transmitirem imagens em cores, entretanto, o espaço ocupado nas ondas de transmissão, em relação às imagens em P&B e às ondas sonoras das emissoras de Rádio, é repensado. Com isso, a primeira transmissão em cores “ao vivo”, ocorre na Festa da Uva, em Caxias do Sul- RS, em 19 de fevereiro de 1972. Jogos de futebol e, até mesmo, o último capítulo da novela “Estúpido Cupido”, da Rede Globo, foram transmitidos em cores e “ao vivo”.

Nos anos 80, do século XX, a televisão já está com sua presença consolidada em todo o território brasileiro. Em um contexto de redemocratização nacional, as emissoras passam a apostar em programas populares, sem deixar de lado a modernização da TV conquistada até os anos 70. De um lado o SBT investe em programas de auditório e também tenta alcançar a modernização, de outro, a Rede Globo traz uma nova linguagem televisiva destinada à juventude e busca se popularizar. Assim, a procura por um diferencial, cada emissora passa a ter uma estratégia para conquistar e fidelizar a audiência.

Na década de 90, negociações mercadológicas entram em cena em um período marcado pelo crescimento da globalização mundial. Chegam as TVs por assinatura com canais de diversos segmentos ao Brasil, como ESPN e Telecine, incentivando novos hábitos de consumo dentro das casas dos brasileiros. Os canais abertos passam a perder audiência e são obrigados a pensarem novos caminhos para se destacarem. Com a Lei da TV a Cabo, há uma necessidade de reorganização das mídias pagas e novas tecnologias ligadas aos meios comunicacionais, como a TV Digital, dão sinais de surgimento no final do século XX.

2. Memória da televisão no Brasil: década de 1950, o princípio.

A década de 1950 aparece no cenário nacional como um avanço na história da comunicação com o surgimento da televisão. Entretanto, nem mesmo a História da Televisão no Brasil é uma informação indiscutível. Paulo Salomão, cinegrafista, em depoimento à revista Briefing (1980, p. 27), afirma que a data da primeira transmissão

de televisão no território brasileiro ocorreu em 10 de setembro de 1950, com uma bênção aos equipamentos e instalações realizada pelo bispo D. Carmelo Vasconcelos Mota, em razão da inauguração dos estúdios da PRF-3-TV Tupi, de São Paulo (SQUIRRA, 1995).

A informação sobre a primeira transmissão da TV brasileira, que encontra mais adeptos, entretanto, reconhece a data de 18 de setembro de 1950, quando foi inaugurada a TV Tupi, em São Paulo/SP, utilizando um sistema embasado no norte-americano. A pioneira TV Tupi é a emissora de televisão nacional pertencente ao jornalista Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, o Chatô, proprietário do conglomerado dos Diários Associados. Mas as negociações para implantar a televisão no Brasil começaram antes disso.

Chateaubriand entrou nos anos 50 dividido entre a campanha presidencial, a consolidação do Museu de Arte de São Paulo e a realização do velho sonho de implantar no Brasil a quarta emissora de televisão no mundo (e a primeira da América Latina). [...] O dono dos Diários Associados (que já eram conhecidos como Diários e Emissoras Associados) tinha acabado de chegar dos Estados Unidos, onde entregara a Meade Bunnet e David Sarnoff, diretores da RCA Victor, os 500 mil dólares que representavam a primeira prestação de uma compra total de trinta toneladas de equipamentos no valor de 5 milhões de dólares. (MORAIS, 1994, p. 496).

Na televisão, era visível que o público aderiria a esse meio. O espetáculo da imagem despertava a curiosidade e ganhava a atenção nos brasileiros. A sincronia entre imagem, som e movimento encantava o país. Esse fascínio vem das características do próprio meio televisivo.

Essa ação hipnótica exercida pela TV pode fazer com que um telespectador, inicialmente com a intenção de ver só um programa determinado, passe toda uma tarde ligada em um fluxo de imagens de gêneros de programas diferentes. A sensação de encantamento despertada pela experiência visual seria, por si, suficientemente compulsiva para mantê-lo preso diante do televisor (REZENDE, 2000, p. 37).

É a imagem em movimento que distingue a televisão dos outros meios de comunicação de massa e fez com que a audiência, antes totalmente voltada ao rádio, encontrasse na televisão um novo meio de entretenimento e lazer. O discurso televisivo tem o poder de mediar uma relação constante e íntima com o receptor da

mensagem, chamada função fática (REZENDE, 2000). Através dela, o telespectador cria uma ligação com o meio, como se pudesse dialogar com a televisão.

Aliás, a socialização do espaço destinado aos primeiros aparelhos de TV nas residências brasileiras foi a sala. E foi no espaço das salas de estar das casas brasileiras que os "televizinhos" se acomodavam para acompanhar as transmissões da TV Tupi nos poucos lares que já haviam adquirido um exemplar do equipamento.

A dramaturgia é inserida na programação. É apresentado o Grande Teatro das Segundas-Feiras; são apresentações de peças teatrais por Procópio Ferreira, Maria Della Costa e Madalena Nicol. O "Clube do Papai Noel" é uma programação infantil produzida pela TV Tupi e tem Homero Silva como apresentador.

A teledramaturgia se associa ao novo meio de comunicação. Adaptada do modelo das radionovelas que paralisaram e comoveram grande parte do público nacional, as emissoras de TV iniciaram a produção de telenovelas. A principal questão a ser solucionada era a interpretação, que deveria ser menos encenada ou dramatizada que nas radionovelas. Em 21 de dezembro de 1951 vai ao ar o primeiro capítulo da telenovela "Sua Vida Me Pertence" na qual ocorre o primeiro beijo entre um casal, interpretado por Vida Alves e Walter Foster, que era o autor, o diretor e o galã da telenovela. Uma ousadia para a sociedade brasileira da época. (AMORIM, 1987).

No mesmo ano (1951) inicia-se a fabricação de televisores no Brasil com componentes importados e ainda caros aos bolsos da população nacional. A audiência da televisão é ampliada e a programação, anteriormente apenas noturna, passa a ter início às 17h30min, apresentando programas direcionados a crianças e mulheres. Um intervalo nas transmissões ocorria entre 19h30min e 20h, quando era retomada a programação da emissora. Uma antena é instalada no alto do Pão de Açúcar, na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal naquele tempo.

Em 1952 o grupo de empresários composto por Luiz Souza Meirelles e Nestor Bressane Filho inaugura a TV Paulista, que aposta na teledramaturgia a partir da encenação da obra literária "Helena", do escritor Machado de Assis. Roberto Corte Real apresentava o telejornal diário; programas infantis, musicais e de humor

constavam da programação da emissora. A TV Tupi produziu o teleteatro Fábulas Animadas e o programa infantil embasado na obra de Monteiro Lobato: “Sítio do Pica-Pau Amarelo”.

Em 17 de junho de 1953 vai “ao ar” o primeiro noticiário do “Repórter Esso: a testemunha ocular da História”, como assinava o noticioso patrocinado pela distribuidora de combustíveis. Tornando-se o programa de notícias mais conhecido da primeira década da trajetória da TV no Brasil. No dia 27 de setembro é inaugurada a TV Record, ocupando instalações próprias e apresentando os cantores Inesita Barroso, Dorival Caymmi e Elizeth Cardoso num show musical.

No ano seguinte, 1954, a grade de programação da TV Tupi trazia “Música e Fantasia” e um seriado de aventuras denominado “Falcão Negro”, com José Parisi. A programação da TV Record apresenta outro seriado: “Capitão 7”, que se mantém “no ar” por 6 anos, com Ayres Campos.

As principais reportagens do ano são: o suicídio do Presidente Getúlio Vargas, o quarto centenário da cidade de São Paulo, a indicação de Juscelino Kubitschek de Oliveira como candidato à presidência da república e a derrota da Miss Brasil Marta Rocha para a candidata norte-americana no concurso Miss Universo. Ainda naquele ano é criado o Instituto Brasileiro de Opinião Pública - Ibope - que realiza a primeira pesquisa sobre a audiência das emissoras de TV, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, no horário entre às 18h e às 23h. Foram contabilizados mais de 120 mil aparelhos de televisão nos lares brasileiros das duas cidades.

No ano de 1955, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira dá início à era da industrialização no Brasil e, no ramo dos televisores, começam a ser fabricadas as válvulas eletrônicas pela Companhia Ibrape, fator decisivo para a ampliação da produção dos aparelhos de TV no território nacional. O programa “O Céu é o Limite”, que premia telespectadores que participam respondendo às questões apresentadas por J. Silvestre, é divulgado como um programa educativo.

Em 1956 ocorre a primeira transmissão à longa distância de uma partida de futebol realizada em Campinas - SP, para a cidade de São Paulo. Foi neste mesmo ano (1956) que a soma do faturamento das três emissoras de televisão de São Paulo:

Tupi, Record e Paulista, arrecadam mais do que as treze emissoras de Rádio, em verbas publicitárias. Em cinco anos as emissoras de televisão do Brasil tornaram-se grandes negócios no mercado dos veículos de comunicação e deixaram de depender das verbas das emissoras de rádio dos mesmos grupos econômicos.

O *videotape* surge no país em 1957. A partir dali era possível editar os audiovisuais gravados. As emissoras de televisão totalizam 10 empresas no Brasil e a programação passa a ser mais popular apresentando *shows* e programas de humor. Na TV Record a cantora Maysa apresenta um programa. A TV Tupi investe no humor e leva ao ar o programa “TV de Comédia”, com apelo popular. Começa a interiorização das transmissões atingindo outras cidades dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A TV Rio compra um equipamento de *videotape* e grava o programa humorístico “Chico Anísio Show”.

Depois do *videotape* chegam os recursos do *playback*, em 1958. Os *shows* não são mais completamente “ao vivo”. Com a tecnologia do *playback* são reproduzidas faixas musicais bem arranjadas e as orquestras são reduzidas ou dispensadas dos elencos das emissoras de televisão. A nova capital está nascendo, com ela nasce também a TV Nacional de Brasília, porém só começa a emitir sinais dois anos depois, com a inauguração da capital federal.

No ano de 1959 iniciam-se as transmissões da TV Piratini, em Porto Alegre/RS. A TV Tupi traz o seriado estrangeiro “Rin-Tin-Tin”: o primeiro a ser dublado em português. A emissora de TV Excelsior começa a se estruturar em São Paulo/SP. A televisão era assunto das conversas sociais. No ano seguinte, 1960, Assis Chateaubriand inaugura a TV Cultura, em São Paulo/SP. Na metade do ano, mais precisamente em 9 de julho, é inaugurada a TV Excelsior, com uma programação nacional. Dentre as atrações da nova emissora está o programa Brasil-60, sob o comando da atriz Bibi Ferreira, filha de Procópio Ferreira, transmitido “ao vivo” do estúdio, no horário nobre nas noites de domingo. Brasil-60 foi um programa no estilo “revista”; apresentava entrevistas, músicas e variedades. O uso do *videotape* possibilita a industrialização da TV no país; cópias dos programas passam a ser comercializados para outras emissoras do Brasil. Estabelece-se a criação de redes

de emissoras de televisão veiculando o mesmo programa em vários estados brasileiros.

O surgimento de aparelhos de TV com transistores chega ao Brasil. Cerca de 700 mil televisores estavam ligados em todos os cantos do país. O programa “Discoteca do Chacrinha” estreia na TV Rio, com a apresentação do comunicador Abelardo Barbosa, que teve origem no Rádio. Em 21 de abril de 1960 a nova capital é inaugurada; com ela as emissoras de TVs Alvorada, Brasília e Nacional, que atuava em caráter experimental há 2 anos, vai “ao ar” em 4 de junho de 1960. A primeira transmissão da TV Nacional é a chegada do presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira em Brasília, no dia de sua inauguração. O maestro Radamés Gnattali comanda a Orquestra da Rádio Nacional na apresentação do Hino Nacional Brasileiro. O programa é apresentado por César Alencar.

Com aquele cenário foi inevitável: os telejornais passaram a fazer parte do dia-a-dia da população e, conseqüentemente, se adequarem aos avanços tecnológicos e às exigências do público-alvo a fim de criar uma audiência fidedigna.

Para estar sempre na frente e acompanhar de perto os acontecimentos de impacto nas sociedades, os telejornais mudaram e exigiram das emissoras o investimento em equipamentos de última geração e a contratação de profissionais qualificados. Na velocidade das mudanças na história e na tecnologia, os profissionais do telejornalismo precisam caminhar rápido para não perder de vista as novas tendências dos meios de comunicação de massa (MELLO, 2009, p. 48).

A demora dos processos de revelação, seleção de imagens, edição dos vídeos e a sua transmissão levavam em torno doze horas de atraso entre o acontecimento e a sua veiculação e, com um apoio de grande porte e o acordo com a agência de notícias norte-americana *United Press International* - UPI - o Repórter Esso reverte a situação, passando a transmitir matérias ilustradas. O noticiário do horário nobre conquista o público e permanece no ar por mais de dezoito anos.

3. Décadas de 1960 e 1970: as inovações técnicas e o surgimento das redes

Já, na década de 60, o *Jornal Vanguarda*, transmitido inicialmente pela TV Excelsior e depois pelas emissoras Tupi e Continental, trazia uma nova cara ao

telejornalismo com uma linguagem informal e a presença de vários locutores, entre eles Cid Moreira. Além disso, trouxe comentários especializados ao longo do noticiário, com nomes importantes vindo do jornal, como João Saldanha, Villas-Boas Correia, Gilda Muller dentre outros (REZENDE, 2000).

Entre os marcos históricos da televisão, impossível não abordar sobre a fundação da Rede Globo, em abril de 1965, pelo jornalista Roberto Marinho. Com a emissora, veio em setembro de 1969, O “Jornal Nacional”, principal telejornal da emissora até hoje; líder absoluto de audiência. É importante ressaltar que o JN foi o primeiro noticioso transmitido em cadeia nacional. A inovação e, ao mesmo tempo, a preocupação desse telejornal era com a instantaneidade dos fatos, ou seja, “o aqui e o agora”.

Desta maneira, os telejornais cumprem uma função social, com a intenção de levar a informação ao maior número de público possível, pertencente a qualquer classe social e de qualquer nível de escolaridade. Os telejornais são um noticiário audiovisual: apresenta conteúdos sobre acontecimentos políticos, sociais, culturais, administrativos, esportivos e outros, com âmbito local, nacional e mundial, selecionados como relevantes para a compreensão do cotidiano (DUARTE, 2007).

Os telejornais podem atuar tanto como instrumentos de conservação e de mudanças sociais. Têm compromisso com a imparcialidade e com a veracidade, a partir deles são entre a narrativa e o acontecimento aliado ao audiovisual, chamado de “espetáculo da atualidade”. Segundo Becker (2005):

Uma das principais características da linguagem dos noticiários é garantir a verdade ao conteúdo do discurso e também a própria credibilidade do enunciador. Os textos provocam efeitos de realidade e se confundem com o real porque os personagens são reais e os fatos sociais são a “matéria-prima” da produção. (BECKER, 2005, p.22)

A utilização de “personagens” para contar as histórias ampliam as possibilidades de humanização dos textos e reportagens audiovisuais. Esta técnica aproxima histórias e público. O telejornal é considerado um dos gêneros da programação televisiva. Dentre esses programas temáticos podemos encontrar assuntos determinados como o esporte. Esse merece uma atenção especial na

maneira de informar, pois é gerador de opinião, de interesse coletivo e que pode suscitar debates sociais.

Esporte é um dos principais temas do jornalismo especializado contemporâneo. Há matérias jornalísticas nos dias que antecedem os jogos, nos dias dos jogos, complementadas pelas transmissões identificadas nos horários mais próximos ao evento como pré-jogo ou pré-jornada, e, ao final das partidas como pós-jogo. Desta maneira, todos os dias da semana a editoria de esportes tem informações e espaço nos telejornais e em alguns programas televisivos. Dentre os gêneros televisivos, o de maior importância é o telejornal. Ele é o responsável por aproximar o público da realidade. A evolução e desenvolvimento de tecnologias aplicadas aos equipamentos de TV contribuíram para a transformação da estrutura bem como da linguagem, do tratamento da informação e das transmissões o que possibilitou aos programas jornalísticos grandes coberturas, inclusive “ao vivo”.

2.1. TV Difusora: a emissora pioneira na transmissão em cores no país

A TV Difusora, hoje Band TV, foi a emissora de televisão pioneira na transmissão ao vivo em cores no Brasil. Durante a Festa da Uva, na cidade serrana de Caxias do Sul/RS, a TV Difusora proporcionou uma “entrada” nacional em cores para entrevistar o presidente da República Gal. Emílio Garrastazu Médici, em 19 de fevereiro de 1972. No dia seguinte, a emissora gaúcha transmitiu a partida de futebol entre Grêmio e Caxias para outras emissoras de TV do território nacional. A transmissão do evento esportivo confirmou o sucesso da transmissão em cores e ao vivo.

A TV Difusora buscou, durante a década de 1970 produzir uma programação nacional, tentando colocar Porto Alegre no cenário da produção cultural como um contraponto às produções de Rio e São Paulo. No mesmo ano, 1972, ela adquire a TV Rio, que por questões econômicas, é extinta em 1977. Os reveses financeiros e a parca programação local, impõem à emissora porto-alegrense a filiação à Rede Bandeirantes, de São Paulo, geradora de 30% da programação da TV Difusora.

Em 30 de junho de 1980 a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos - OFM - proprietários das emissoras de Rádio e TV Difusora, vende suas emissoras de Rádio e Televisão para o Grupo Bandeirantes de Comunicação. Na mesma época a telenovela da Rede Globo introduziu algumas cenas gravadas em cores: estúpido cupido, com trilha sonora de Cely Campelo.

3. Décadas de 1980 e 1990: a popularidade das programações e a chegada da TV a cabo no Brasil

A televisão, além de forma de entretenimento, passou a ser o principal meio de informação e essa hegemonia é explicada por Ramonet (*apud*, MELLO, 2009, p. 128), quando explica que se a televisão se impôs dessa forma, não foi porque ela apresenta um espetáculo, “[...] mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz”. Por isso, a década da reconstrução da democracia no Brasil foi de popularização da TV.

As emissoras buscaram combinar o popular com o moderno, a fim de não gerar um retrocesso do que já havia se conquistado até os anos 70. Além de programas jornalísticos, outros formatos foram investidos, como os humorísticos e os de auditório. Sucessos do SBT, como o “Programa Silvio Santos”, “A Praça é Nossa” e “O Povo na TV”, foram os pioneiros e também causaram polêmicas entre os telespectadores.

Apesar dos inúmeros problemas internos, a entrada em cena do SBT causou grande impacto na televisão dos anos 1980, a ponto de mudar seus rumos dali em diante. Naquela década assistiu-se à volta dos auditórios em todas as emissoras de TV. Se, por um lado, o SBT foi obrigado a se modernizar, por outro, as demais emissoras, em particular a Rede Globo, tiveram que se popularizar para não perder a faixa de público que estava migrando para o SBT (MIRA, 2010, pág. 171).

A Rede Globo, por sua vez, investiu em programas destinados à juventude, como “Armação Ilimitada” e “TV Pirata”, para manter seu padrão de qualidade e como estratégia de diferenciação em relação às emissoras concorrentes. Além disso, as narrativas *pop* surgiram para refletir sobre o comportamento juvenil da época, utilizando uma “nova” linguagem televisiva no momento em que, no Brasil, houve uma

necessidade de reformulação da cidadania nacional (CAMINHA, 2010). Nesse sentido, através das apostas modernas e populares, a autora também reforça que a cultura televisiva se alinhou à cultura do consumo, e a imagem foi o principal referente de sedução e atuação dessa nova juventude que, naquele momento, despontava no cenário cultural do país.

Se a década de 80 foi marcada pela transição e reorganização da sociedade civil, os anos 90 presenciaram a expansão da globalização e negociações comerciais. Segundo Brittos e Simões (2010, p. 89), “o prenúncio era de uma mídia sem amarras, desvinculada de vontades do Estado, mas o que se consolidou foi o princípio da livre concorrência, com a ampliação no número de emissoras televisivas e o acirramento de lógicas mercadológicas”. A televisão brasileira estava em plena divergência, o que se intensificou com a chegada da TV a cabo.

Para esses autores, ainda, “trata-se de um serviço que adentrou o meio brasileiro buscando atender a um segmento de mercado desassistido pela televisão aberta e também atuando para gerar novos hábitos de consumo” (BRITTOS e SIMÕES, 2010, p. 92). Ao contrário do Brasil, esse tipo de comércio televisivo considerado novidade já estava bem disseminado em outros países.

O Brasil foi um dos últimos países da América Latina a ter serviços de TV por assinatura - TV a Cabo, MMDS e direto via satélite: mais de 10 anos após a Argentina, e depois da Colômbia, Bolívia e Venezuela. Em dezembro de 1993 o país tinha apenas 160 mil domicílios com serviços deste tipo. No final do século não ultrapassara 300 mil. (JAMBEIRO, 2002, pág. 117)

No início da década de 90 vários canais pagos segmentados já estavam no ar. A Globosat, serviço de TV do Grupo Globo, contava inicialmente com 4 canais: Telecine, GNT, Multishow e Top Sport. Em contrapartida, em 1993, o Grupo Abril já estava operando com 6 canais: Filmes (12 horas ao dia, ininterruptamente), Esportes (programação integral da ESPN, 24 horas por dia), Notícias (programação integral da CNN, 24 horas por dia), Filmes Clássicos (24 horas por dia), Supercanal (programas da TV italiana e programas de notícias das redes americanas ABC, CBS e NBC, 18 horas diárias) e infantis (desenhos animados e filmes, 24 horas por dia) (JAMBEIRO, 2002).

Ainda em 1990, junto com a ascensão da TV paga, o Grupo Abril lançou o primeiro canal aberto segmentado da TV brasileira: o MTV. Nesse sentido, conforme Brittos e Simões (2010), “uma cena que começou a se incorporar ao cenário nacional, em núcleos com televisão por assinatura, é a filha reunir-se com amigas para assistir à MTV enquanto o pai vê o ESPN e a mãe assiste a um filme no Telecine, por exemplo.” Neste meio-tempo, a concorrência na TV aberta crescia. As novas emissoras do mercado televisivo e a migração das pessoas com elevado nível socioeconômico para canais pagos levaram os líderes de audiência Globo, SBT e Record a repensarem suas programações.

Em 1995, a Lei n. 8.977, conhecida como Lei da TV a Cabo ou Lei do Cabo, mexe com a implementação de serviços pagos. Ainda em vigor atualmente, ela visa a promoção da cultura nacional e universal, a diversidade de fontes de informação, lazer, entretenimento, pluralidade política, e o desenvolvimento social e econômico do país. Dessa forma, além de suas programações pagas, os operadores de televisão a cabo devem fornecer aos assinantes:

“[...] (a) todos os serviços de TV, em UHF e VHF, que atinjam a área; (b) um canal sob a responsabilidade da Câmara Municipal e Assembléia Legislativa; (c) dois canais sob a responsabilidade do Congresso Nacional, um para a Câmara Federal e o outro para o Senado; (d) um canal destinado ao uso comum de universidades situadas na área; (e) um canal para uso comum de entidades educativas e culturais ligadas aos governos federal, estadual ou municipal; (f) um canal para uso comum de organizações da sociedade civil não-governamentais e não-lucrativas. (JAMBEIRO, 2002, pág. 213)

Por consequência, a partir da ampliação de produtos televisivos relacionada à Lei por parte do Estado, uma nova lógica de organização das mídias precisou vir à tona.

Tratou-se de uma forte medida se comparada ao que já havia sido feito no setor em um passado recente de democracia. Dessa forma, a TV por assinatura teve importante papel no movimento de reorganização dos meios de comunicação no país na década de 1990, com efeitos socioeconômicos consideráveis junto ao mercado. (BRITTOS e SIMÕES, 2010, p. 65)

Dessa forma, ainda segundo os autores Brittos e Simões (2010), o final do século XX foi marcado pelo “ingresso dos serviços de mídias pagas e a estruturação de novas bases de mercado dentro de padrões globalizados, iniciando a entrada, em

larga escala, de novas tecnologias ligadas aos meios comunicacionais e às telecomunicações no país, a partir das privatizações.”

4. A Televisão digital brasileira: uma nova era na comunicação

Precedida pela inovação tecnológica da televisão de alta definição, surgida nos anos 80 com o objetivo de disponibilizar imagem e som com melhor qualidade para os usuários, a Televisão Digital consagrou uma nova forma de pensar distribuição de conteúdo para os usuários. As primeiras experiências relativas à melhoria da qualidade de distribuição de imagem e som iniciaram na década de 1970, no Japão, que mais tarde competiria principalmente com os Estados Unidos pelo desenvolvimento da TV Digital e que, na década de 80, iniciou as operações do primeiro sistema de alta definição em escala comercial com a MUSE (*Multiple Sub-Nyquist Sampling Encoding*).

A implementação do sistema digital ocasionou a busca pela melhoria nos aparelhos eletrônicos de TV, para que os mesmos se tornassem compatíveis com a alta definição. Daí se desenvolveu a composição da imagem da tela utilizando Cristal Líquido, que podem apresentar cores fortes que se alteram com a temperatura, pressão, campo elétrico e magnético e rápida resposta eletroóptica, daí a adoção do material no ramo eletrônico. Hoje, o cristal líquido se tornou o material padrão na fabricação de *displays* em diversos outros tipos de aparelhos eletrônicos. A produção de aparelhos compatíveis se concretizou a partir da década de 90, quando o desenvolvimento da informática possibilitou uma mudança também na forma de transmissão de sinais, dando início as duas maiores propostas de implementação do sistema digital de alta qualidade, a americana e a japonesa.

A corrida pelo melhor sistema de Televisão Digital ganhou forma em 1987, quando os Estados Unidos se uniram ao Japão e à Europa, cada um com seus próprios sistemas de alta definição conhecidos como DTV (*Digital Television*) já em andamento, e propôs não apenas um novo sistema de *high definition*, mas um processo totalmente digital. Naquele momento, os EUA deixaram para trás a ideia de criar um sistema compatível com a TV analógica visando a sua melhoria e iniciaram

a busca por um sistema revolucionário. O sistema japonês iniciou a implementação do novo sistema nos países orientais no início dos anos noventa, concretizando transmissões TVD via satélite em 2000, seguido pelo americano, que começou a implementação no Canadá e EUA em 1995. Em 1997, os EUA iniciaram a transição do sistema analógico para o digital, que em 98 já estava disponível para mais da metade da população norte-americana, segundo a Revista de *Economía Política de Las Tecnologías de la Información y Comunicación* (Eptic, 2004).

No Brasil, os primeiros estudos referentes à implementação da TV Digital se iniciaram em 1994, com a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) e da Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão e Telecomunicações (SET), que visavam estudar a implementação do novo sistema no país e preparar empresas para a nova tecnologia. Em 1998 a adoção do sistema TVD ganha ênfase quando a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em parceria com a Fundação do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPqD), passou a coordenar os estudos para implementação da televisão digital no país, iniciando os primeiros testes com os sistemas de operação americano e europeu e, mais tarde, com o japonês, que se tornaria o sistema escolhido pelo Governo Federal para implementação inicial.

Após o descarte do desenvolvimento de um sistema de TV digital próprio brasileiro, nomeado de SBTVD, e a criação, em março de 2004, do Comitê de Desenvolvimento pela Anatel é que se iniciaram as pesquisas e testes de implementação, que em seus primeiros resultados descartou a possibilidade da adoção do ATSC, padrão norte-americano e indicou preferência pelos sistemas DVB-T, europeu, e ISDB-T, japonês, por apresentarem melhores resultados em áreas com grande número habitacional. Este último apresentou melhores resultados sobre o próprio padrão europeu, como melhor performance em ambientes fechados e resultados reais de implementação do sistema.

Há, ainda, mais uma vantagem do padrão japonês em relação ao europeu: o ISDB-T privilegiaria a instalação de novos canais em nosso território, aspecto de importância considerável, dado o fato de que, após a implantação do sinal digital, o analógico deverá ser mantido por um período de, no mínimo, dez anos (BOLAÑO; VIEIRA, 2004, p. 121).

Em 2006, foi assinado o acordo com o governo japonês que estabeleceria o sistema ISDB-T como referência para a implementação do sistema de TV Digital no Brasil, mais conhecido como ISDB-TB, que resultou em um sistema híbrido entre o padrão japonês com a adição de tecnologias brasileiras e teve adoção adotada em mais de 17 países, segundo esclarece Cirne (2019). A primeira transmissão oficial do sinal digital no país foi realizada em 2 de setembro de 2007, às 21h20min, na Sala de São Paulo, na cidade de São Paulo, com a presença de mais de duas mil pessoas, empresários do setor e o então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. Um ano depois, se iniciava a campanha de popularização da televisão digital brasileira.

5. Considerações finais

Ao olhar para este passeio pela história da televisão brasileira vê-se que ela foi se adequando às tecnologias implementadas e ao contexto histórico e social em cada etapa dos seus 70 anos no Brasil. Os primeiros programas de televisão eram apresentados “ao vivo” e em estúdio, não era possibilitada a cobertura externa devido às precárias condições tanto financeiras quanto técnicas. Os noticiários eram reproduzidos direto do estúdio de gravação e o “ao vivo” ocupava grande parte da grade de programação. Os profissionais, em quase totalidade advindos do meio rádio, ainda mantinham a linguagem radiofônica nos textos e a maneira de solucioná-los, de acordo com as exigências do meio Rádio, ou seja, com a voz empostada de forma vibrante. Hoje, o cenário é completamente diferente: a programação das emissoras de televisão é mais variada e conta com tecnologia de ponta.

Por meio desta pesquisa pudemos compreender, de forma ainda mais clara, o papel da televisão na sociedade, e como este papel foi se fortalecendo ao longo das décadas. Um exemplo disso é o Jornal Nacional, como citado neste artigo, na qual exemplificamos que os telejornais cumprem uma função social, com a intenção de levar a informação ao maior número de público possível, pertencente a qualquer classe social e de qualquer nível de escolaridade.

Um dos objetivos da nossa pesquisa era registrar as mudanças tecnológicas da televisão ao longo dos anos, mas ao final dela, pudemos entender que as

mudanças sociais também contribuíram muito para a sua popularização. Como na época da redemocratização do Brasil, na qual a televisão ganhou uma popularidade muito maior por conta dos programas humorísticas e de auditório.

Atualmente, segundo dados obtidos junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, através da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios Contínua (2019), a televisão está presente em 96% dos lares brasileiros, abrangendo a totalidade do território nacional, de Norte a Sul e de Leste a Oeste. O sinal digital está presente nas cinco Grandes Regiões do país. São 57 milhões de lares brasileiros com aparelhos de televisão de tela fina (73,9%); as televisões de tubo, por sua vez, somam 18 milhões (18,4%), de acordo com as informações disponibilizadas pela PNAD Contínua (2019), em relação aos dados obtidos na pesquisa do ano anterior (2018).

A alteração, registrada em 2019 pela pesquisa do IBGE, apresenta o crescimento de televisões de tela fina (7%) em relação ao ano anterior (2018) e o declínio do número de domicílios com TVs de tubo (4,6%) no Brasil, comparado aos resultados da PNAD Contínua de 2018, um indicativo do avanço do sinal digital nas transmissões de televisão, ampliando o acesso ao sinal digital e à redução da presença de equipamentos receptores do sinal analógico ou com conversores de sinal. Com isso tudo, pode-se perceber o quanto a querida televisão, amiga dos brasileiros, cresceu e evoluiu, tecnologicamente e socialmente falando, nas últimas décadas.

Referências

- AMORIM, E. A televisão brasileira. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1987.
- _____. História da Televisão Brasileira. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008.
- BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.
- BOLAÑO, C.; VIEIRA, V. R. TV digital no Brasil e no mundo: estado da arte. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, vol. 6, num. 2., 2004. Disponível em <<http://www.eptic.com.br>>. Acesso em: 26. Jan. 2016.

BRITTOS, V. C.; SIMÕES, D. G. A Reconfiguração do Mercado de Televisão Pré-digitalização (p. 221 - 239). In: RIBEIRO, A.; ROXO, M.; SACRAMENTO, I. História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

CAMINHA, M. A Teledramaturgia Juvenil Brasileira. Pág. 199 - 217. In: RIBEIRO, A.; ROXO, M.; SACRAMENTO, I. História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje. SP: Contexto, 2010.

CIRNE, L. O processo de transição para a TV digital no Brasil. *Compólitica*, 2019, 9 (1), pp: 107 – 130. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.21878/compolitica.2019.9.1.181>. Acesso em: 26. Jan. 2020.

DUARTE, E. B. Telejornais: incidências do tempo sobre o tom. In: Duarte, E. B.; CASTRO, M. L. D. de (Org). Comunicação audiovisual: gêneros e formatos. Porto Alegre: Sulina, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [WWW.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 12. Jun. 2021.

IBGE/Educa Jovens - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias--especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> . Acesso em: 10. Jun. 2021.

JAMBEIRO, O. A TV no Brasil do século XX. Salvador: EDUFBA, 2002.

MELLO, Jaciara Novaes. MELLO, Jaciara. Telejornalismo no Brasil. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. s/i, p. 01–11, 2009.

MIRA, M. C. O Moderno e o Popular na TV de Silvio Santos. (p.161 - 177). In: RIBEIRO, A.; ROXO, M.; SACRAMENTO, I. História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

MORAIS, F. Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PATERNOSTRO, V. Í. O texto na TV: manual de telejornalismo. 16ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PNAD Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/1720-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 10. jun. 2021.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, A. P. G.; ROXO, M.; SACRAMENTO, I. História da televisão no Brasil. Do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

SAMPAIO, M. F. História do Rádio e da Televisão no Brasil e no mundo: memórias de um pioneiro. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SQUIRRA, S. C. M. Aprender telejornalismo: produção e técnica. 1ª. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1995.